

**FAKE NEWS: UM ESTUDO DO GÊNERO TEXTUAL****FAKE NEWS: A STUDY OF THE TEXTUAL GENRE**Renata Barbosa Vicente<sup>1</sup>

Doutora em Letras

Universidade Federal Rural de Pernambuco

[renatab.vicente@gmail.com](mailto:renatab.vicente@gmail.com)Istárlet Kétile Santos de Melo<sup>2</sup>

Especialista em Linguística Aplicada a Práticas Discursivas

Universidade Federal Rural de Pernambuco

[istarletdemelo@gmail.com](mailto:istarletdemelo@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho pretende investigar o fenômeno das *fake news* a partir da compreensão de sua forma e função enquanto um gênero. Para isso, o arcabouço teórico, acerca do conceito de gênero, toma por base Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008). Além disso, a pesquisa está ancorada na perspectiva de Foucault (2014;1986) sobre discurso e sua relação com a verdade, para compreender a regularidade e deslocamento dessas produções na esfera social. Para a análise do que se propõe investigar, será utilizado como *corpora* dados coletados da Agência Lupa no mês de agosto de 2018. Os resultados atingidos permitiram considerar a *fake news* um gênero textual, apresentando critérios específicos como forma estrutural, propósito comunicativo, conteúdo, entre outros critérios apresentados no decorrer do trabalho.

**Palavras-chave:** Fake news. Gênero textual. Discurso.

**ABSTRACT:** The present work intends to investigate the phenomenon of fake news from the understanding of its form and function as a genre. For this, the theoretical framework, about the concept of genre, is based on Bakhtin (1997) and Marcuschi (2008). In addition, the research is anchored in Foucault (2014; 1986) about the speech, and its relation with the truth, to understand the regularity and displacement of these productions in the social sphere. For the analysis of what is proposed to investigate, will be used as a *corpora* data collected from Agência Lupa in August 2018. The results achieved allowed to consider the fake news a textual genre, presenting specific criteria such as structural form, communicative purpose, content, among other criteria presented during the work.

**Keywords:** Fake news. Textual genre. Speech.

## Introdução

Todos nós interagimos em sociedade e “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados por algum gênero” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Nesse sentido, o questionamento de como determinar o gênero específico das *fake news* surge como um ponto principal para investigar o seu funcionamento enquanto

<sup>1</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2028-9449>.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL/ UFRPE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2354-4962>.

prática discursiva vinculada ao seu contexto sócio-histórico. Seria possível enquadrar a *fake news* como um gênero textual? Que relações mantém com o gênero notícia do domínio discursivo jornalístico? Qual é a sua função? Qual é a sua forma? São essas perguntas que se pretende discutir ao longo deste estudo.

Toma-se, como aporte teórico, Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008), para a definição do gênero *fake news*. Também será utilizado o conceito de discurso de Foucault (2014;1986) para compreender seu funcionamento enquanto uma prática discursiva. O arcabouço conceitual apresentado por tais pesquisadores nos permitirá uma investigação mais aprofundada sobre o fenômeno em questão, na intenção de conceituá-lo. Para maior entendimento sobre o fenômeno *fake news*, serão utilizadas as definições de Wardle (2017), Tandoc *et al* (2017) e Carvalho (2019).

No que tange à metodologia, tomaremos por base os dados considerados *fake news* pela Agência Lupa, uma das referências na identificação do fenômeno. Após isso, será analisado uma amostra de duas *fake news* coletadas do mês de agosto de 2018. Este artigo se organiza em quatro seções: Pressupostos teóricos do gênero textual e do discurso, Procedimentos técnicos e científicos, Estudos descritivos dos dados e, por último, Considerações finais.

### **Pressupostos teóricos do gênero textual e do discurso**

Os gêneros são entidades comunicativas em que se relacionam os aspectos de funções, propósitos, ações e conteúdos. Nesse sentido, são entidades dinâmicas, sócio-históricas e variáveis, o que leva a sua multiplicidade. Para compreendê-los, é preciso destacar que não se pode observar os gêneros textuais e os tipos textuais como categorias dicotômicas, e, sim, como aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas do cotidiano, tal como afirma Marcuschi (2008, p. 155):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Os gêneros textuais<sup>3</sup> também são enquadrados, segundo Marcuschi (2008), como um sistema de controle social. Nesse caso, são atividades discursivas socialmente estabilizadas, se prestando aos variados tipos de controle social e exercício de poder. Assim, a ideia de que somos livres é irreal, visto que somos seres sociais e a sociedade nos molda sob vários aspectos, conduzindo-nos a determinadas ações:

Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sóciodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social (MARCUSCHI, 2008, p. 156).

É nesse sentido que o caráter que enquadra a língua como um instrumento meramente comunicativo e informacional é deixado de lado, visto que as atividades discursivas servem como controle social e cognitivo, ou seja, quando se quer exercer qualquer tipo de poder e influência, recorre-se ao discurso para o tal feito.

Marcuschi (2008) ainda pontua sobre os gêneros emergentes da mídia digital e considera que a interação *online* tem a possibilidade de acelerar a evolução dos gêneros. Nesse sentido, um novo meio tecnológico, que traz mudanças de forma significativa em nossas interações sociais, também interfere na natureza do gênero que, por sua vez, é denominado a partir dos critérios: (i) **Forma Estrutural**; (ii) **Propósito Comunicativo**; (iii) **Conteúdo**, (iv) **Meio de transmissão**; (v) **Papéis dos interlocutores**; (vi) **Contexto situacional**.

Já para Bakhtin (1997, p. 262), que define gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, a linguagem só existe na comunicação dialógica e o discurso é uma construção do encontro de discursos de outros, dando forma a uma interação viva. Para o filósofo, o reconhecimento dos diferentes gêneros baseia-se apenas em três dimensões: a) conteúdo temático, b) construção composicional e c) estilo. São esses elementos que estão ligados ao enunciado e determinados pelo campo da comunicação.

O que nos interessa das definições dos dois autores aqui apresentadas é a relação com o discurso. Marcuschi (2008), mesmo preferindo utilizar a expressão gênero textual, coordena concepções sustentadas com base nas reflexões sobre o

---

<sup>3</sup> Categorizar o gênero em textual ou em discursivo tem sido tema de discussão entre os estudiosos da área. Escolhemos a definição de gênero textual devido ao material de coleta a ser observado.

discurso, sendo categórico em afirmar que o gênero está entre o discurso e o texto, condicionando a atividade enunciativa; proposta enquadrada na perspectiva de Bakhtin. A relação de campo discursivo em Bakhtin pode ser relacionada ao conceito de domínio discursivo de Marcuschi, em que o autor o define como esfera da atividade humana no sentido bakhtiniano, dando origem a diferentes gêneros, ainda constituintes de práticas discursivas.

Já para Foucault (1986), tudo está imerso nas relações de poder e saber, que estão implicadas mutuamente por enunciados (acontecimentos) e visibilidades. Textos, instituições, ações de falar e ver constituem práticas sociais vinculadas às relações de poder, que se supõem e se atualizam. Portanto, o discurso ultrapassa a simples referência a coisas no mundo e vai além de palavras e frases, apresentando regularidades próprias:

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Para Foucault (1986), o discurso é visto como um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva. Na definição de discurso também cabe dizer que para o referido autor, sujeitos são indivíduos sócio-históricos, constituídos através de outros ditos. Algo bem característico da abordagem dialógica de Bakhtin (1997). Além disso, os enunciados estão inscritos em algumas formações discursivas e ajustados a um certo regime de verdade.

Na aula inaugural no *College de France*, em 2 de dezembro de 1970, Foucault explica que o discurso tem a função de controle e validação das relações de poder estabelecidas em contexto sócio-histórico a partir de grupos sociais diversos. Para Foucault “a vontade de verdade” é um mecanismo de exclusão externo ao discurso. Segundo o autor, esse mecanismo está inserido entre o verdadeiro e o falso, na relação do que deve ser considerado real e o que deve ficar à margem da razão. Esta separação é arbitrária, sendo mutável e: “[...] não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento; que são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência” (FOUCAULT, 2014, p. 13).

É, portanto, “a vontade de verdade” um sistema de exclusão que autoriza quais discursos devem circular socialmente e quais devem ser rechaçados. Semelhantemente, “a vontade de verdade” opera na *fake news*, validando-a como uma informação verdadeira na sociedade, ainda que seja falsa, sendo um fenômeno problemático que coloca em xeque, por exemplo, os diferentes campos do saber.

A partir de Marcuschi (2008), Bakhtin (1997) e Foucault (1986), entendemos que conceituar *fake news* vai além de palavras, pois a definição se dá mediante uma relação que não está na mentalidade e nem na consciência dos indivíduos, mas está no próprio discurso, na validação da informação falsa como uma informação verdadeira na sociedade, na sua relação dialógica com outras vozes do discurso e em suas formas relativamente estáveis.

### **Uma visão sobre o conceito de *fake news* e sua definição enquanto um gênero textual**

O termo *fake news* tem origem na língua inglesa e uma tradução literal para o português seria “notícias falsas”. Há inúmeras definições para a expressão. Em consulta a alguns dicionários, observou-se que no *Oxford Learner's Dictionaries* a palavra *fake news* é definida por “Relatórios falsos de eventos, escritos e lidos em sites”. No *Collins Dictionary*, a expressão surge como a palavra do ano em 2017 e é definida por “informações falsas, geralmente sensacionalistas, divulgadas sob o disfarce de reportagens”. Por fim, no *Cambridge Dictionary* é definida como “histórias falsas que parecem notícias, divulgadas na Internet ou usando outras mídias, geralmente criadas para influenciar opiniões políticas ou como uma piada”.<sup>4</sup>

A definição do termo também já é encontrada em dicionário de língua portuguesa, como no dicionário *online Dicio*, que pontua a palavra como estrangeirismo e a define como “Notícias falsas; quaisquer notícias e informações falsas ou mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens”. Já no *site Wikipedia*<sup>5</sup>, a maior enciclopédia colaborativa do mundo, há a seguinte definição: “Notícias falsas é um termo novo, ou neologismo, usado para se referir a notícias fabricadas”.

---

<sup>4</sup> Tradução das autoras.

<sup>5</sup> Utilizamos a enciclopédia para termos uma visão generalizada acerca do termo, dando-nos um panorama em relação a sua definição no meio social.

Ainda sobre a definição da expressão *fake news*, a jornalista Claire Wardle (2017), no artigo *Fake news. It's complicated*<sup>6</sup>, aborda que há dificuldade em defini-la por *não se tratar apenas de notícias*<sup>7</sup>, e, sim, de todo um ecossistema completo de informação, e que o termo falsa não chega a descrever a complexidade dos diferentes tipos de *misinformation*/má informação (difusão involuntária de informação falsa) e a *disinformation*/desinformação (criação e difusão deliberada de informação que se sabe ser falsa)<sup>8</sup>. Ainda segundo a autora, para entender o ecossistema da informação é necessário decompô-lo em três elementos: (i) observar os diferentes tipos de conteúdo que se cria e se difunde; (ii) analisar as motivações de quem cria este conteúdo e (iii) verificar de que maneira se divulga este conteúdo. Para Claire, há sete tipos distintos de conteúdo problemático colocado no ecossistema de informação que tem a intenção de enganar e motivar a produção de *fake news*: sátira ou paródia, conteúdo enganoso, conteúdo impostor, conteúdo fabricado, conexão falsa, contexto falso e conteúdo manipulado.

Apesar do atual uso corriqueiro da expressão em diferentes contextos, esse fenômeno também alcançou a investigação científica, sendo possível uma discussão epistemológica sobre a conceituação do termo. Pesquisadores da Universidade Tecnológica de Nanyang, em Singapura, Edson C. Tandoc Jr., Zheng Wei Lim e Richard Ling, analisaram 34 artigos cuja temática era definir e caracterizar as *fake news* ao longo do período de 2003 a 2017. Sob o título *Defining "Fake News"*, a pesquisa identificou seis possíveis modos de definir *fake news*: sátira, paródia, fabricação, manipulação, publicidade, por fim, relações públicas e propaganda. Segundo os pesquisadores, a sátira estaria relacionada à *news satire*, que são “programas de notícias simuladas, que tipicamente usam humor ou exagero para apresentar ao público atualizações de notícias” (TANDOC JR. *et al.*, 2017, p. 5). Esses programas são mais frequentes na mídia norte-americana e pressupõem um contrato entre o emissor e o telespectador, o que também prevê que não há um público enganado. A paródia, *news parody*, estabelece um contrato entre o público leitor e o conteúdo. Neste caso, são adicionados mais conteúdos factuais para estabelecer o

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/> Acesso em: 14 abr. 2020.

<sup>7</sup> Grifo nosso.

<sup>8</sup> Tradução das autoras de “*The reason we're struggling with a replacement is because this is about more than news, it's about the entire information ecosystem. And the term fake doesn't begin to describe the complexity of the different types of misinformation (the inadvertent sharing of false information) and disinformation (the deliberate creation and sharing of information known to be false)*”.



efeito humorístico, havendo maior aproximação com o formato jornalístico. Um exemplo, no Brasil, seria o *site* Sensacionalista. A terceira definição, a fabricação, *news fabrication*, é, de fato, um conteúdo falso, em que não implica um contrato de humor entre o público e o produtor, havendo a intenção de desinformar ou informar uma mentira. A categoria manipulação se configura pelo uso de imagens fotográficas ou vídeos utilizados para construir narrativas falsas. Na categoria publicidade e relações públicas, “as duas práticas são entendidas como *fake news* quando assumem o formato de notícias reais” (CARVALHO, 2019). A publicidade nativa, quando aparece no formato de notícia ou reportagem, pode enganar o leitor; já nas relações públicas, acontece isso quando os profissionais dessa área adotam práticas ou aparências de jornalistas, para inserir ações de *marketing* ou mensagens persuasivas na mídia noticiosa (TANDOC JR. *et al.*, 2017).

Finalmente, a categoria propaganda tem se tornado cada vez mais frequente, em função de sua ligação direta com acontecimentos políticos. “Semelhante à publicidade, a propaganda é muitas vezes baseada em fatos, mas inclui um viés que promove um lado ou perspectiva particular” (TANDOC JR. *et al.*, 2017, p. 11), tendo o objetivo de persuadir ao invés de informar.

Em todas essas definições, as *fake news* se apropriam da aparência de notícias reais, ocultando-se sob um verniz de legitimidade. Quanto à utilização do termo, os pesquisadores apontam que a tipologia mapeada abarca apenas os estudos acadêmicos no período observado.

Segundo Rizia Carvalho (2019), há outras considerações que também são relevantes para a definição de *fake news*:

- a) O caráter de falseamento das *fake news*; b) A relação entre facticidade e a intencionalidade como elementos demarcadores de uma conceituação possível das *fake news*; c) A dimensão política das *fake news*; d) A aproximação das *fakes news* de outras formas de comunicação que não o jornalismo (CARVALHO, 2019, p. 26).

Tendo em vista essas definições anteriores, a expressão *fake news* foi popularizada pelo então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em janeiro de 2017. Desde esse momento, a expressão não deixou mais de ser mencionada. O termo tem seu sentido alargado cada vez mais, aparecendo em inúmeros contextos de usos, sendo sinônimo de mentira e desinformação. Cabe ainda ressaltar que

políticos usam o termo como forma de “autodefesa” acerca de informações ou denúncias que os envolvam.

No intuito de sistematizar as definições a respeito da expressão *fake news*, elaborou-se um quadro-resumo das concepções do termo abaixo:

**Quadro 1:** Resumo das Definições Abordadas Sobre *Fake News*

(Continua)

Fonte	Resumo da definição	Exemplo de uso
<b>Oxford Learner's Dictionaries</b>	Relatos falsos, escritos e divulgados na internet.	Exemplo 1: <i>Many of us seem unable to distinguish fake news from the verified sort.</i> (Muitos de nós parecem incapazes de distinguir notícias falsas das verificadas).* Exemplo 2: <i>Fake news creates significant public confusion about current events.</i> (Notícias falsas criam confusão pública significativa sobre os eventos atuais).
<b>Collins Dictionary</b>	Informações falsas sob a capa de notícias, reportagens.	<i>In the age of fake news, our audience can't avoid that connection.</i> (Na era das notícias falsas, nosso público não pode evitar essa conexão).
<b>Cambridge Dictionary</b>	Histórias falsas que parecem notícias, criadas para influenciar a opinião política, ou como piada.	<i>The first story uploaded on to the site, as a test, was a fake news story.</i> (A primeira história carregada no site, como teste, foi uma notícia falsa).
<b>Dicio (2019)</b>	Notícias e informações falsas ou mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos visuais.	
<b>Wikipédia<sup>9</sup></b>	Notícias falsas é um termo novo, ou neologismo, usado para se referir a notícias fabricadas.	
<b>Claire Wardle (2017)</b>	Um ecossistema completo de informação: misinformation/má informação (difusão involuntária de informação falsa) e a	

<sup>9</sup> Utilizamos a enciclopédia para termos uma visão generalizada acerca do termo, dando-nos um panorama em relação a sua definição. Sabemos que a página não apresenta uma fonte com muita segurança, mas é necessária pela possibilidade de visão ampla acerca do fenômeno.



	disinformation/desinformação (criação e difusão deliberada de informação que se sabe ser falsa).	
<b>Tandoc Jr., Lim e Ling (2017)</b>	Seis possíveis modos de definir <i>fake news</i> : sátira, paródia, fabricação, manipulação, publicidade e relações públicas e propaganda.	

\*Tradução das autoras.

(Concluído)

Fonte: Autoras (2020)

As definições expostas acima e as variáveis apresentadas por Carvalho (2019) — o caráter de falseamento, a intencionalidade, a dimensão política e outras formas de comunicação, que não relativas ao jornalismo — possibilitam relacionar o conceito de discurso e gênero textual às *fake news*. Logo, entende-se *fake news* como uma prática discursiva, que se produz em razão das relações de poder.

Ao partir das perspectivas de gênero e discurso adotadas, compreende-se a *fake news* como o anúncio de uma informação sem amparo de credibilidade institucional midiática, veiculada e promovida, em grande escala, nas redes sociais e também em outras práticas de interação, que estão estabelecidas pelas relações de poder existentes em diferentes meios sociais e que se apropria de determinados discursos, como o discurso político, o discurso publicitário etc., com o objetivo de persuadir o leitor em direção a uma crença, manipulando contextos para provocar uma desinformação intencional.

Compreendemos que as *fake news* mantêm relação com o gênero textual notícia em sua forma e função, mas não se limita a isso, possuindo outros traços vinculados a práticas de diferentes domínios discursivos, como os listados por Marcuschi (2008): jornalístico, saúde, comercial, publicitário e interpessoal. É nesse sentido que existem na modalidade escrita, *fake news* de notícias, comentários, nota social, receitas caseiras, anúncios, avisos, propagandas; e, na modalidade oral, em forma de comentários, conselho médico, avisos, advertências, conversações espontâneas.

É importante destacar que, após coletar e avaliar 68 *fake news* disponibilizadas pela Agência Lupa, seleciona-se para o presente artigo duas delas na modalidade escrita e no domínio discursivo jornalístico, de acordo com a sua forma

e a sua função. A seguir, serão abordados mais enfaticamente, a partir da análise dos dados, os parâmetros em que se enquadram as *fake news* como um gênero textual.

### Procedimentos técnicos e científicos

O *corpus* analisado é constituído por duas *fake news* extraídas da Agência Lupa como fonte e, posteriormente, verificadas nos respectivos *sites* de origem. As *fake news* foram checadas e analisadas pela Agência Lupa no período de agosto de 2018, etiquetadas pela *hashtag* #Verificadas e relacionadas ao contexto político selecionado. O material foi coletado nos dias 20 e 22 de agosto de 2018, na busca de observar como a prática discursiva das *fake news* foi estabelecida nesse período. A metodologia aplicada a nossa pesquisa possui um caráter analítico-qualitativo, pois procuramos compreender e definir as *fake news* enquanto um gênero a partir das análises de dados estabelecidas, observando as características pertinentes ao fenômeno.

A Agência Lupa é conhecida por ser a primeira agência especializada em *fact-checkin* do Brasil. Sua metodologia de checagem começa com a observação diária do que é dito por políticos, líderes sociais e celebridades, em diferentes meios de circulação, como em jornais, revistas, rádios, programas de TV e na *internet*.<sup>10</sup> Ela seleciona a frase<sup>11</sup> em que pretende trabalhar considerando três critérios: (i) afirmações feitas por personalidades de destaque nacional, (ii) assuntos de interesse público que afetam o maior número de pessoas e (iii) destaque na imprensa ou na *internet*. Em resumo, preocupam-se com “quem fala”, “o que fala” e “que barulho faz”. Ainda em sua metodologia, a agência informa que não checa opiniões, apenas quando são contraditórias, mas se esforçam para verificar o grau de veracidade das frases que contenham dados históricos, estatísticos, comparações e informações relativas à legalidade ou constitucionalidade de um fato.

Após a análise das informações, a agência classifica (etiqueta) o que foi analisado de acordo com as seguintes categorias: **verdadeiro** (informação comprovadamente correta), **verdadeiro, mas** (a informação está correta, mas o leitor

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

<sup>11</sup> A agência se refere à frase para falar das *fake news* selecionadas por eles. Entendemos que mesmo esse conceito sendo incoerente neste trabalho, precisamos abordar por se tratar da metodologia da agência.

merece mais explicações), **ainda é cedo para dizer** (a informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é.), **exagerado** (a informação está no caminho correto, mas houve exagero), **contraditório** (a informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte), **subestimado** (os dados são mais graves do que a informação), **insustentável** (não há dados públicos que comprovem a informação), **falso** (a informação está comprovadamente incorreta) e **de olho** (etiqueta de monitoramento).

A Agência Lupa é membro validado pela *International Fact-checking Network* (IFCN), passa por auditorias independentes todos os anos e cumpre compromissos éticos estabelecidos pela rede de checadores: (i) são apartidárias e justas; (ii) são transparentes em relação às fontes, ao financiamento, à organização e à metodologia, por fim, (iii) adotam uma Política de Correções Abertas e Honestas.<sup>12</sup>

Tendo em vista o exposto, considera-se, esta agência, uma referência para a coleta dos dados. A princípio, selecionou-se 68 *fake news* referentes ao período de agosto a outubro de 2018, época em que os candidatos às eleições presidenciais intensificam suas campanhas. Após realizar-se a coleta para este artigo, selecionam-se, entre os dados, dois exemplos para a análise qualitativa.

### **Análise dos dados**

Para a análise dos dados, as duas *fake news* selecionadas foram divulgadas nos dias 20 e 22 de agosto de 2018, sendo extraídas dos *sites* indicados pela Lupa como fonte direta de sua coleta. A primeira informação falsa, sob o título **Piauiense é a primeira negra diplomata no Itamaraty**, foi extraída do *site* <https://revistaaz.com.br> e a segunda, sob o título **PF conclui inquérito sobre triplex de Guarujá, inocenta Lula e indícia a dona**, foi retirada do *site* <https://www.fatoafato.com.br>. Ambas podem ser visualizadas a seguir:

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/>. Acesso em: 31 mai. 2020.

Figura 1: Exemplo 1 de Fake News



Fonte: Agência Lupa (2020)

Figura 2: Exemplo 2 de Fake News



Fonte: Agência Lupa (2020)

A Agência Lupa faz uma busca minuciosa, de acordo com critérios já expostos na seção anterior, para informar quais *sites* divulgaram a *fake news*. O exemplo 1 foi divulgado nos *sites* Revista AZ, Piauí Hoje<sup>13</sup>, Fala Piauí, CampoMaioremFoco e Jornal da Parnaíba. O exemplo 2 foi publicado nos *sites* Fato a Fato, Paraíba Confidencial, TV Sabugi, WSCom<sup>14</sup>, Diário do Curimatau, Chico Gregório e Heleno Lima.

O exemplo 1 está presente no domínio discursivo jornalístico. Da perspectiva estrutural, organiza-se em manchete, malha fina, informações espacial/temporal, lide, corpo do texto, imagem e fonte. Em relação à materialidade do texto, observa-se que

<sup>13</sup> A Revista AZ e Piauí Hoje relatam a informação falsa de forma idêntica, as outras fontes de publicação, apresentaram paráfrases da informação, ou mantiveram apenas a retratação em forma de correção, ou retiraram a informação falsa ou, ainda, o *site* estava inativo.

<sup>14</sup> Apenas Fato a Fato, Paraíba Confidencial, Tv Sabugi e WSCom apresentam a notícia de forma idêntica, os demais veículos de comunicação retiraram a informação falsa.

também se constitui das perguntas básicas do jornalismo: *quem, o quê, onde, como etc*: **Luana Alessandra Roeder, 28 anos, foi abandonada ao nascer na Maternidade Dona Evangelina Rosa, em Teresina, e posteriormente foi levada para o Orfanato João Maria de Deus.** No que tange à estrutura formal de uso da língua portuguesa, não apresenta inadequações. Logo, o exemplo 1 apresenta muitas semelhanças ao gênero notícia, contudo, após o texto informativo, há um parêntese escrito **com Piauí Hoje**, o que já causa um estranhamento se comparado ao gênero notícia.

Em 19 de agosto de 2018, no Facebook, chegando a ter mais de 310 mil interações, é publicado que Luana Roeder foi a primeira negra a ser diplomata no Itamaraty. Levando em consideração esse fato, a divulgação dessa *fake news* nas eleições de 2018 enfatiza a intenção de associá-la ao momento político, entretanto, dissociando-a de outros fatos históricos, o que já induz a uma compreensão inadequada da situação.

Ao tomar por base os critérios: (i) os assuntos de interesse público que afetam o maior número de pessoas e (ii) o destaque na imprensa ou na *internet*; a agência de checagem fez a análise das informações do exemplo 1. Em sua pesquisa, a Lupa em um levantamento feito junto à Fundação Alexandre Gusmão, entidade pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, encontra algumas inconsistências:

- (i) a primeira diplomata negra no Brasil foi Mônica de Menezes Campos, ingressante no Instituto Rio Branco, em 1979, e não Luana Roeder.
- (ii) Luana Roeder virou diplomata em janeiro de 2018, ao ingressar no Itamaraty, e não em agosto de 2018 quando a notícia ganhou notoriedade.

O que estaria em jogo ao se criar essa informação falsa? Por que a informação só ganha notoriedade em agosto de 2018? O fato dessa informação ganhar repercussão exatamente em agosto, remete-se a avaliar a que contexto temporal e social está submetida esta informação. No *site* da BBC Brasil, na mesma época, foi divulgado que o número de candidatos negros havia crescido em comparação a 2014, mas continuava subrepresentado. Além disso, outros dados apontados na matéria, extraídos do portal do TSE, apontam que os partidos PSOL e PT são os que mais inscreveram negros na disputa eleitoral em 2018. Em uma outra notícia, divulgada no *site* G1 em 9 de outubro de 2018, apenas 4% dos candidatos eleitos entre senadores,

deputado estadual e federal são negros. Em função desse contexto político situacional, reforça-se a intencionalidade da *fake news* em associar a imagem de Luana a uma falta de espaço, não só de mulheres negras, mas também de negros em cargos importantes no governo.

Mediante isso, o que estaria em jogo nessa informação? Segundo Foucault (1986), como se sabe, os discursos, textos, instituições, estão vinculados a relações de poder. Esses discursos são inseridos em determinadas formações discursivas, que ditam regras, dadas historicamente, e afirmam verdades em relação a um determinado período. Quais são os discursos por trás da informação apresentada? Qual era o discurso do momento das eleições políticas? A informação falsa em questão narra um sujeito em específico, Luana, mulher negra, inserida em uma inscrição discursiva de minoria, como notoriedade para a informação de um cargo de importância no Itamaraty, causando alarme no leitor que confirma a crença da falta de espaço para a mulher negra nas instituições governamentais. A quem essa crença é confirmada? Por quem essa notícia pode ser lida, levando à confirmação do “fato”? Vemos, nesse sentido, uma relação mais próxima com o discurso da esquerda e dos sujeitos que estão inseridos nessa formação discursiva.

Verifica-se que a informação genuína deste exemplo foi manipulada, criando-se um fato inserido em um contexto sócio-histórico equivocado, difundido para enganar os eleitores. Do ponto de vista estrutural de um texto jornalístico, há um zelo no uso da norma culta, no entanto, a fonte apresentada após a informação textual causa certa estranheza, pois revela um princípio de compartilhamento<sup>15</sup> da informação, extraída de uma fonte anterior, e não um trabalho relacionado à apuração dos fatos e construção de uma notícia. Em função dessas características, do ponto de vista estrutural e de conteúdo, o exemplo se diferencia do gênero notícia, e deve ser classificado como *fake news*.

Na segunda *fake news* (exemplo 2), sob o título **PF conclui inquérito sobre Triplex de Guarujá, inocenta Lula e indícia dona do imóvel**, estruturalmente falando, também foram encontradas incoerências, como a discrepância no padrão das fontes tipográficas utilizadas, nas imagens e nas informações das fontes de autoria, dando indícios de uma *fake news*. Normalmente, em uma notícia, a legenda da

---

<sup>15</sup> Compartilhamento: refere-se à forma como as informações são compartilhadas nas redes sociais sem qualquer compromisso em buscar uma fonte fidedigna.



imagem se refere ao contexto retratado ou a um jornalista fotógrafo que faz o registro. No exemplo 2, observa-se que a imagem que acompanha a informação foi extraída **da net**. A ausência de uma fonte mais precisa dessa imagem revela a falta de compromisso com a informação, com a verdade e com a consistência dos fatos em que se baseia o trabalho jornalístico.

Ainda no exemplo 2, a informação não possui data e local, características que comumente podem ser identificadas em notícias divulgadas em páginas de jornais da imprensa. A estratégia utilizada para manipular o conteúdo genuíno foi republicá-la em 2018, sem fazer alusão ao verdadeiro período da publicação original que seria em 2016. A descontextualização do período dava margens para inocentar o ex-presidente Lula. Desta forma, mais uma vez se induz o leitor ao entendimento distorcido, configurando, portanto, uma *fake news*. Vale enfatizar que esse documento não serviu para inocentá-lo, como sugerem algumas das postagens.

Outros pontos também merecem ser considerados acerca do exemplo 2, o corpo do texto foi uma reprodução, quase que integral da notícia original, no entanto, na lide, as inversões de construção sintática e escolha de outros verbos trouxeram impactos semânticos que também distorceram o sentido genuíno da notícia:

**Quadro 2:** Comparação entre as informações acrescentadas à notícia original

Lide da notícia	Lide da <i>Fake News</i>
PF indicia dona de triplex vizinho ao de Lula no Guarujá	PF conclui inquérito sobre Triplex de Guarujá, inocenta Lula e indicia dona do imóvel

**Fonte:** Autoras (2020)

Essa *fake news* está inserida em um momento político em que o ex-presidente Lula não pôde ter efetivado a candidatura por ter violado, segundo a justiça, os dispositivos para ser considerado elegível segundo a Lei da Ficha Limpa. Há de levar em consideração o momento da eleição de 2018 como um momento instável, de polarizações, com alta produção de *fake news*, algo muito característico do período eleitoral dos Estados Unidos. As denúncias de corrupção direcionadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) colocou o partido no centro das discussões, principalmente em relação ao seu principal representante: o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Estava erguido um terreno de repúdio ao PT, que, devido aos fatos recorrentes, tinha sido alvo de ser o causador da corrupção brasileira.

No exemplo 2, verifica-se a clara intenção de manipular a informação verídica que consta no relatório da Operação Triplo-X. Nesse documento, Nelci Warken foi identificada como a verdadeira dona do apartamento 163-B, e não o ex-presidente Lula, como sugere a *fake news*. Assim, a *fake news* induz que o resultado desse relatório já havia instaurado a sentença do ex-presidente. Nesse sentido, a *fake news* propõe que o ex-presidente Lula foi dado por inocente neste relatório, uma vez que ele não foi identificado como o dono do apartamento. Na verdade, Lula ainda estava sendo investigado, portanto o relatório não tinha conclusões acerca de sua inocência ou culpabilidade. Pode-se perceber a intencionalidade de se colocar em evidência a figura do ex-presidente Lula, em convergência com o que Foucault (2014) aborda acerca dos sujeitos sociais. Tal como afirma o autor, os sujeitos sociais são efeitos de discursos, sendo constituídos a partir de outros ditos.

Na *fake news*, é perceptível a inadequação à norma padrão, com a falta de acento agudo na palavra **vinculo** e a falta da vírgula após a palavra em questão, além disso, o uso incorreto da preposição **de** atrelada à origem do Triplex, que, neste caso, seria a preposição **do**. Nesse sentido, à luz de Wardle (2017) e Tandoc *et al.* (2017), observa-se a manipulação deliberada de um conteúdo factual, localizado em uma zona temporal incoerente, fabricando uma narrativa falsa com a clara intenção de desinformar ou de informar uma mentira, o que, portanto, configura-se a *fake news*.

Sobre o que Bakhtin (1997) considera como gênero, os exemplos analisados confirmam a existência das três dimensões definidas como **conteúdo temático**, **construção composicional** e **estilo**, estando esses três elementos relacionados ao enunciado e a sua perspectiva dialógica. Em relação ao conteúdo temático, pode-se dizer que, nas *fake news* analisadas, o tema se deu no eixo da política; acerca da construção composicional, pode-se concluir que a incoerência das fontes, a falta de padronização tipográfica e os elementos estruturais de uma notícia se enquadram neste aspecto; e, por último, o estilo, configurado pela utilização das características do domínio jornalístico para construir a imagem de uma informação. Contudo, é relevante mencionar que o gênero *fake news* se diferencia do gênero notícia por não dispor de aspectos de adequação à norma da língua portuguesa, construção textual idônea e fontes de autoria.

## Considerações finais

A partir da análise das *fake news*, constatou-se que são textos encontrados no cotidiano e que apresentam padrões sociocomunicativos específicos, composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados, integrando forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Com base no *corpus* analisado e segundo os critérios de Marcuschi (2008), foi possível verificar nas *fake news*: (i) **Forma Estrutural** (manchete, linha fina, lide, corpo do texto, imagem, desarmonização tipográfica, fonte da imagem incoerente); (ii) **Propósito Comunicativo** (informar uma mentira); (iii) **Conteúdo** (política), (iv) **Meio de transmissão** (*internet*, *sites* e redes sociais); (v) **Papéis dos interlocutores** (emissor e receptor de informações); (vi) **Contexto situacional** (período eleitoral de 2018). Em função de atender a estes aspectos, é possível classificar as *fake news* em gênero textual.

As dimensões dos gêneros: “a) conteúdo temático, b) construção composicional e c) estilo”, tal como postula Bakhtin (1997), também foram reconhecidas no fenômeno estudado. Além desses elementos, foram identificados a característica **tempo**, na manipulação de notícias anteriormente factuais, descontextualizando o conteúdo originário, e também a intertextualidade verificada nessa descontextualização, aparecendo, inclusive, trechos do texto base, como na segunda *fake news*, em que o corpo do texto foi literalmente copiado e apenas adicionado um complemento à lide. Outro aspecto importante foi o da construção de narrativas sobre alguém com notoriedade social e a utilização de sensacionalismo.

Mediante o que foi explicitado, fica claro que o fenômeno *fake news* se enquadra no campo dos estudos da linguagem como um gênero textual, que apresenta critérios específicos como forma estrutural, conteúdo, entre outros, sendo um gênero relativamente estável, tal como pontua Bakhtin (1997), uma vez que é possível identificar uma *fake news* em diferentes formatos, seja, por exemplo, pela organização das informações, seja pela presença ou ausência de imagens. Não só nos dados que aqui foram trazidos, mas também nos 68 coletados, identificou-se a falta de preocupação com fontes de autoria e com o padrão culto da língua; também se observou que os conteúdos apresentados são descompromissados com as informações genuínas e descontextualizados sócio-historicamente, o que os tornam equivocados.

Evidencia-se que as *fake news* são discursos que cumprem tanto a função de controlar como a de validar as relações de poder estabelecidas em contexto sócio-histórico e em grupos sociais diversos. Relaciona-se isso ao terceiro mecanismo de exclusão, “a vontade de verdade” (FOUCAULT, 2014), sendo, pois, a *fake news* o lugar do falso propositalmente inserido como local da verdade. Por fim, reconhece-se nesta pesquisa a complexidade do tema e destaca-se a importância das discussões e da continuidade dos estudos acerca dele, a fim de se contribuir socialmente para o compromisso ético e genuíno da informação.

## Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 415.
- BRETAS, V. PF indicia dona de triplex vizinho ao de Lula no Guarujá. **Exame**, 22 ago. 2016, 09:55. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/pf-conclui-relatorio-e-indicia-dona-do-triplex-do-guaruja/>>. Acesso em: 30 mai. 2020.
- CARVALHO, R. Notícias falsas ou propaganda? Uma análise do estado da arte do conceito fake news. **Revista Questões Transversais**, Rio Grande do Sul, vol. 7, n. 13, p. 21 - 31, 2019.
- COMMIT to transparency – sign up for the International Fact-Checking Network’s code of principles. **Poynter**. Disponível em: <<https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/know-more/the-commitments-of-the-code-of-principles>>. Acesso em: 31 mai. 2020.
- COMO a Lupa faz suas checagens? **Agência Lupa**, 15 out. 2015, 09:02. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- DANTAS, C.; GELAPE, L. Apenas 4% dos candidatos eleitos para cargos de senador e deputado estadual e federal são pretos. **G1**, 09 ago. 2018, 06:58. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/09/apenas-4-dos-candidatos-eleitos-para-cargos-de-senador-e-deputado-estadual-e-federal-sao-pretos.ghtml>> -. Acesso em: 30 mai. 2020.
- ENTENDA as etiquetas da Lupa. **Agência Lupa**, 15 out. 2015, 09:03. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/entenda-nossos-pinguins/>>. Acesso em: 31 mai. 2020.
- FAKE NEWS. In: DICIONÁRIO da língua inglesa. Cambridge: Cambridge Dictionary, 2020. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news>>. Acesso em: 31 de mai. 2020.

FAKE NEWS. *In*: DICIONÁRIO da língua inglesa. Glasgow: Collins English Dictionary, 2018. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news>. Acesso em: 31 mai. 2020.

FAKE NEWS. *In*: DICIONÁRIO da língua inglesa. Oxford: Oxford English Dictionary (OED), 2018. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/fake-news?q=fake+news>. Acesso em: 31 mai. 2020.

FAKE NEWS. *In*: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Dicio: 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fake-news/>. Acesso em: 31 mai. 2020.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986. 236 p.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 2014. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 74.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 296.

MARÉS, C. #Verificamos: É falso que 'PF conclui inquérito sobre triplex, inocenta Lula e indícia dona'. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2018, 17:26. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/22/verificamos-triplex-dona/>. Acesso em: 21 mai. 2020.

NOTÍCIA FALSA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Not%C3%ADcia\\_falsa&oldid=58269433](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Not%C3%ADcia_falsa&oldid=58269433). Acesso em: 15 mai. 2020.

PF conclui inquérito sobre Triplex de Guarujá, inocenta Lula e indícia dona do imóvel. **Fato a Fato**. Disponível em: <https://www.fatoafato.com.br/2018/08/pf-conclui-inquerito-sobre-triplex-de.html>. Acesso em: 31 mai. 2020.

PIAUIENSE é a primeira negra diplomata no Itamaraty. **Revista AZ**, 24 jan. 2018, 00:23. Disponível em: <https://revistaaz.com.br/piauiense-e-a-primeira-negra-diplomata-no-itamaraty.html>. Acesso em: 31 mai. 2020.

SHREIBER, M. Eleições 2018: Candidaturas de negros crescem, mas partidos continuam com maioria de brancos. **BBC News Brasil**, Brasília, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45289523>. Acesso em: 31 mai. 2020.

TANDOC JR., E.; LIM, Z.W., LING, R. 2017. **Defining "Fake News"**: A Typology of Scholarly Definitions. *Digital Journalism*, London, 6(2):1-17, ago.

TARDÁGUILA, C. #Verificamos: Piauiense não 'é a primeira negra diplomata no Itamaraty'. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2018, 09:36. Disponível em:

<<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/20/verificamos-piauiense-primeira-negra-itamaraty/>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

WARDLE, C. Fake News. It's Complicated. **First Draft**, 16 de fev. 2017. Disponível em: <<https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/>>. Acesso em: 20 mai. 2020.



Recebido em 02 de setembro de 2020  
Aprovado em 22 de outubro de 2020